

LAVRADOR QUE VIROU GERENTE

Roberto Fonseca
Da equipe do **Correio**

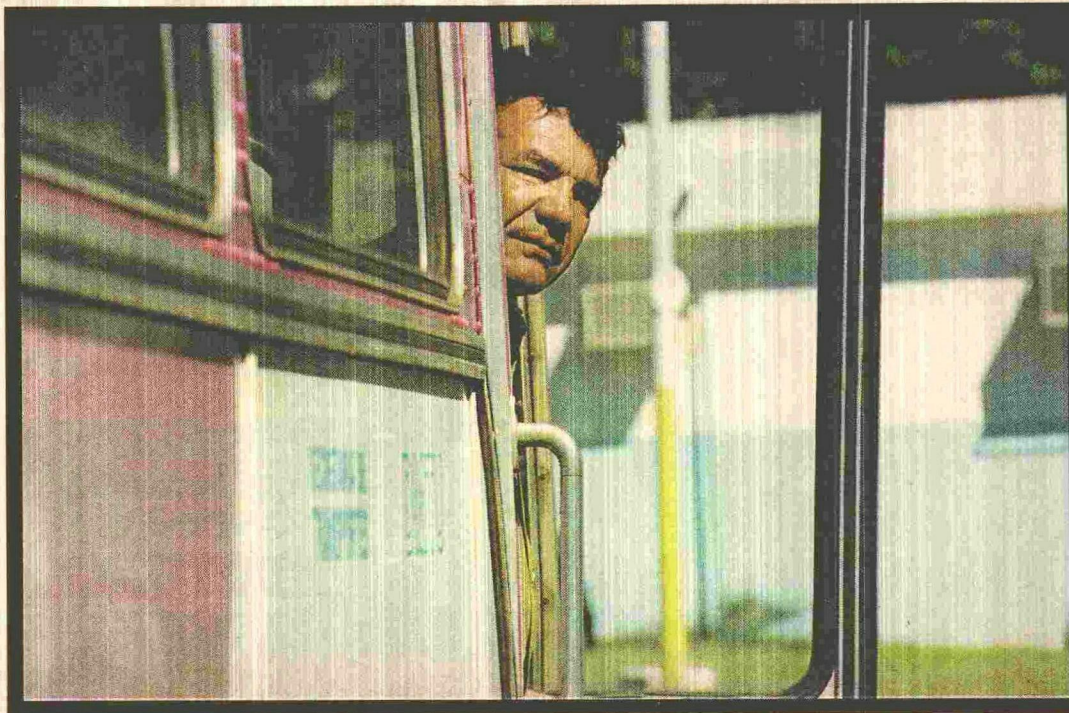
O piauiense Luiz Alves Sousa, 63 anos, não consegue esconder o orgulho quando fala da Sociedade de Transportes Coletivos de Brasília (TCB). Também pudera, é uma convivência diária que começou em 14 de dezembro de 1962 e continua até hoje. Firme e forte. “Tudo que consegui na vida foi graças a essa empresa, uma das mais importantes da cidade que amo de paixão: Brasília.”

Luisão, como é chamado pelos colegas de trabalho, fez carreira dentro da TCB. Ocupou todos os cargos da área operacional. Começou como cobrador de ônibus, função que exerceu por cinco anos. Depois, virou fiscal, coordenador, inspetor, controlador, chefe de fiscalização e gerente de operações. “Em sete diferentes

direções”, completa o senhor de cabelos pretos, voz grossa e comportamento temperamental. Ele é o segundo empregado na ativa mais antigo da empresa.

Desde 1999, ele está lotado como assessor especial da Gerência de Operações (Geope) da TCB. Não revela quanto ganha, mas diz que é um bom dinheiro. “Se eu me aposentasse hoje, perderia uns R\$ 3 mil por mês. O benefício do INSS é muito baixo.” Planeja trabalhar até os 70 anos. Ou seja, descanso somente em 2009.

Natural de Novo Oriente do Piauí, onde trabalhava como lavrador, Luisão desembarcou na Cidade Livre, atual Núcleo Bandeirante, com uma intenção: mudar de vida. Era noite de 26 de fevereiro de 1959. Foram 18 dias de viagem num pau-de-arara ao lado de 36 pessoas. Na manhã seguinte, estava empregado. Conseguiu trabalho como servente nas obras que er-



PIAUIENSE LUISÃO, QUE TRABALHA HÁ QUASE 40 ANOS NA TCB: “TUDO QUE CONSEGUI NA VIDA FOI AQUI NESTA CIDADE”

gueram as telas laterais do Jardim Zoológico e Catetinho.

Em seguida, trabalhou como apontador na empreitada que construiu os prédios das quadras residenciais 403 e 404 Norte. Lá, viveu o momento mais emocionante da sua vida. Na manhã de 12 de

setembro de 1960, Luisão pôde abraçar Juscelino Kubitschek. Naquele dia, o presidente percorreu os canteiros de obras da capital federal. “Quem mora no interior só ouve o presidente da República no rádio. Eu não. Recebi um abraço e um aperto de mão do melhor go-

vernante que o país teve. Somente Brasília para me dar uma emoção como essa”, empolga-se.

Na parte financeira, a vinda para Brasília fez bem para Luisão. Nesses 43 anos, ele conseguiu comprar três casas em Sobradinho e um carro. Também

O PIAUIENSE, HOJE NA TCB, CHEGOU AO DISTRITO FEDERAL EM FEVEREIRO DE 1959, DEPOIS DE 18 DIAS DE VIAGEM NUM PAU-DE-ARARA

pôde estudar. Formou-se em História pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (atual Centro Universitário de Brasília – Uniceub), em 14 de setembro de 1988.

Casado desde 4 de dezembro de 1992 com a médica Francisca Araújo Costa, 53, Luisão tem três filhos – duas mulheres e um homem. Apenas o caçula, Tiago, 7, mora com o pai. As duas garotas vivem com as mães fora do Distrito Federal. Mágoa, ele diz ter apenas uma. “Ver o fim da TCB é muito triste. A cidade não pode ficar sem essas letras tradicionais”, diz ele, referindo-se ao processo de concessão de linhas de ônibus e privatização da empresa.